

CINEMATECA PORTUGUESA-MUSEU DO CINEMA  
Solveig Nordlund – Um Percurso Singular  
18 de Julho de 2012

# MITT ANDRA LAND / 2014

*(O Meu Outro País)*

um filme de SOLVEIG NORDLUND

**Realização e Argumento** : Solveig Nordlund / **Fotografia**: Acácio de Almeida / **Som**: Armanda Carvalho / **Montagem**: Pedro Milhomens / **Música Original**: Pedro Marques / **Imagens dos Filmes**: PERDIDO POR CEM (António-Pedro Vasconcelos, 1972); O CERCO (António da Cunha Telles, 1970); BRANDOS COSTUMES (Alberto Seixas Santos, 1974); DINA E DJANGO (Solveig Nordlund, 1981); AS ARMAS E O POVO (Filme Colectivo, 1975); A LEI DA TERRA (Grupo Zero, 1977); A LUTA DO POVO (Grupo Zero, 1976); NEM PÁSSARO NEM PEIXE (Solveig Nordlund, 1978); GESTOS E FRAGMENTOS (Alberto Seixas Santos, 1982); SCENES FROM THE CLASS STRUGGLE IN PORTUGAL (Robert Kramer, 1978); STAROIE I NOVOIE / A LINHA GERAL (Sergei Eisenstein, 1929) e com Otelo Saraiva de Carvalho.

**Produção**: Solveig Nordlund para a Torrom Film e RTP / **Cópia**: DCP, cor, legendada em português, 54 minutos / Primeira exibição na Cinemateca

---

**O Meu Outro País**, que começa e acaba com imagens da manifestação comemorativa do 40º aniversário do 25 de Abril, em 2014, é um filme de memórias (mas também, como o título do filme de Oliveira, de confissões). Um relato na primeira pessoa, balizado pelo tempo da estadia da realizadora em Portugal, ou seja, do final dos anos 60 ao início dos anos 80. Simbolicamente, desde a famosa queda de Salazar da cadeira, até ao fim do sonho (e da ressaca) de uma tentativa de revolução: A campanha presidencial de Otelo em 1976. Como se diz no filme, tudo aconteceu muito depressa: O colapso do Estado Novo, a Revolução, o seu abrupto desfecho e um curto período (a tal ressaca) até o país entrar naquilo a que se chamou (e chama) a “normalidade democrática”.

Solveig conta-nos – por ordem cronológica – e em sueco (o que não é de todo irrelevante) como viveu, viu e sobretudo vivenciou essas mais de duas décadas, recorrendo-se de imagens (excertos) de filmes (já lá vamos), assumindo (e transmitido) sempre uma contradição aparentemente insanável: A nostalgia de um tempo em que um projecto de sociedade, todas as ilusões, pareciam possíveis e um distanciamento indisfarçável. Portugal é o seu outro país. Portugal é simultaneamente e por “mérito próprio” o país onde foi possível sonhar e, por “culpa própria”, o país onde esse sonho (aqui tão perto) não se realizou.

Exemplo disso é o facto de que a óbvia emoção (diga mesmo a comoção) de Solveig quando recorda agora a rodagem de **A Lei da Terra** e **A Luta do Povo**, os dois filmes que o Grupo Zero (a nostalgia pelas cooperativas de cinema e pelo seu modo colectivo de produção está também muito presente) filmou no Alentejo em plena

Reforma Agrária, em 1975, e que ocupa uma boa parte do filme, faça *raccord* directo com o excerto de **Nem Pássaro Nem Peixe**.

Mas o filme não começa nem acaba aqui.

E para contar a sua história, Solveig recorre sobretudo a imagens de filmes realizados durante esse período em Portugal (com, uma única excepção, **A Linha Geral**, não só perfeitamente justificada - o filme foi projectado na altura aos camponeses alentejanos - como narrativamente faz todo o sentido comparar os camponeses russos de 1917 aos de Portugal de 1974).

O “alinhamento” dos excertos não é o da cronologia dos filmes mas a cronologia dos acontecimentos: **Perdido Por Cem** antes de **O Cerco**, a seguir **Brandos Costumes** e depois **Dina e Django** (o 25 de Abril) e **As Armas e o Povo**.

E o filme poderia acabar depois dos já citado bloco que inclui os filmes do Grupo Zero e **Nem Pássaro Nem Peixe**. O círculo estava fechado.

Mas Solveig quis ir mais longe. E mais uma vez o *raccord*, (e agora *raccord* é Robert Kramer, que tem uma pequena, mas fundamental, aparição em **Nem Pássaro Nem Peixe**) leva-nos – através de **Gestos e Fragmentos** (em que Kramer é actor) – a um novo patamar. Novo *raccord*, e passamos a Otelo Saraiva de Carvalho (também ele “actor” em **Gestos e Fragmentos**), tenta-se explicar o falhanço da Revolução (Otelo é o único expressamente entrevistado para este filme): Justificar a desilusão.

Daí voltamos e Robert Kramer (que, como Solveig, é estrangeiro) mas agora em **Scenes From the Class Struggle in Portugal**: O lindo sonho do que podia ter sido. No fundo, está tudo dito na frase de Robert Kramer que Solveig expressamente recorda quase no final:

“In fact the world be fabulous if we lived always like that!  
Right on the edge of an utopian promise.”

JOÃO PEDRO BÉNARD